



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS  
CAMPUS MACAPÁ

KEILA PATRÍCIA RANGIFO MENDONÇA BARREIRO

**A INTERSECCIONALIDADE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE EM OLHOS  
D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: raça, gênero e classe na construção das  
personagens femininas negras**

MACAPÁ-AP

2026

KEILA PATRÍCIA RANGIFO MENDONÇA BARREIRO

**A INTERSECCIONALIDADE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE EM OLHOS  
D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: raça, gênero e classe na construção das  
personagens femininas negras**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado à banca examinadora do curso de  
Licenciatura em Letras Português-Inglês como  
requisito avaliativo para a obtenção do título de  
Licenciados em Letras com habilitação em  
Língua Portuguesa e Língua Inglesa e  
respectivas Literaturas.  
Orientadora: Esp. Iveline Silva dos Santos

MACAPÁ-AP

2026

Biblioteca Institucional - IFAP  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

- B255i Barreiro, Keila Patricia Rangifo Mendonça  
A interseccionalidade como categoria de análise em olhos d'água de  
Conceição Evaristo: raça, gênero, classe na construção das personagens  
femininas / Keila Patricia Rangifo Mendonça Barreiro - Macapá, 2026.  
32 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Macapá,  
Licenciatura em Letras Português/Inglês, 2026.
- Orientadora: Iveline silva dos Santos.
1. Interseccionalidade. 2. Literatura negra feminina. 3. Conceição Evaristo.  
I. Santos, Iveline silva dos, orient. II. Título.
- 


Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do IFAP  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KEILA PATRÍCIA RANGIFO MENDONÇA BARREIRO

**A INTERSECCIONALIDADE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE EM OLHOS  
D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: raça, gênero e classe na construção das  
personagens femininas negras**


Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado à banca examinadora do curso de  
Licenciatura em Letras Português-Inglês como  
requisito avaliativo para a obtenção do título de  
Licenciados em Letras com habilitação em  
Língua Portuguesa e Língua Inglesa e  
respectivas Literaturas.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **IVELINE SILVA DOS SANTOS**  
Data: 11/02/2026 13:50:12-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profa. Esp. Iveline Silva dos Santos (Orientadora)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente  
 **MONICA DO SOCORRO DE JESUS CHUCRE**  
Data: 11/02/2026 13:34:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Ma. Mônica do Socorro de Jesus Chucre  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente  
 **BARBARA COSTA RIBEIRO**  
Data: 10/02/2026 18:42:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Dra. Bárbara Costa Ribeiro  
Universidade Estadual do Amapá

Apresentado em: 29/01/2026.

Conceito/Nota: 100

Ao meu esposo, Helton, alicerce da minha força, que não mediu esforços, não soltou minha mão e sustentou comigo cada passo dessa caminhada até que este sonho se tornasse possível.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, minha profunda gratidão por ter sido minha força nos momentos difíceis, meu sustento nos dias de cansaço e minha esperança ao longo de toda essa caminhada. À minha família, especialmente à minha mãe, que foi fundamental para que eu ingressasse no IFAP. Seu incentivo, persistência e confiança foram decisivos para que este sonho se tornasse possível.

À Aline e ao Sérgio, agradeço o cuidado, carinho e responsabilidade dedicados ao meu filho, permitindo que eu tivesse tranquilidade para me dedicar aos estudos.

Aos meus filhos, razão da minha luta diária, agradeço pela compreensão, pelo amor e pela paciência diante das minhas ausências. Vocês sempre foram minha maior motivação para seguir em frente.

À minha orientadora, Iveline Santos, minha sincera gratidão pela paciência, sensibilidade e dedicação, que foram essenciais para a realização deste trabalho.

A todos os professores que fizeram parte dessa trajetória, desde o início do curso até esta reta final, deixo meu agradecimento pelos ensinamentos e incentivos recebidos.

À minha melhor amiga, Lana, que, mesmo distante, sempre esteve presente, me ouvindo, me compreendendo e me fortalecendo nos momentos mais difíceis.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

“Escrevo pela necessidade de escrever. Escrevo porque há dentro de mim uma urgência que me faz colocar a mão na pena e o corpo na cadeira”.

(Conceição Evaristo)

## RESUMO

Esta pesquisa analisa a obra *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo, a partir da interseccionalidade como categoria de análise, com o objetivo de compreender como os marcadores sociais de raça, gênero e classe operam na construção das personagens femininas negras presentes na coletânea. Fundamentada em autoras como Kimberlé Crenshaw, Angela Davis, Patricia Hill Collins, Carla Akotirene e Lélia Gonzalez, a investigação parte de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, concentrando-se nos contos “Olhos d’água” e “Maria”. A análise demonstra que as personagens são constituídas a partir de experiências atravessadas por múltiplas opressões que atuam de forma simultânea e interdependente, evidenciando a violência estrutural, a exclusão social e as estratégias de resistência cotidiana. Conclui-se que a escrita de Evaristo, por meio da escrevivência, se configura como um espaço de denúncia e afirmação identitária, contribuindo para a visibilização das experiências das mulheres negras na literatura brasileira contemporânea e crítica e antirracista.

Palavras-chave: interseccionalidade; literatura negra; Conceição Evaristo; gênero; classe.

## ABSTRACT

This research analyzes the work *Olhos d'água* (2016), by Conceição Evaristo, from the perspective of intersectionality as a category of analysis, aiming to understand how the social markers of race, gender, and class operate in the construction of the black female characters in the collection. Based on authors such as Kimberlé Crenshaw, Angela Davis, Patricia Hill Collins, Carla Akotirene, and Lélia Gonzalez, the investigation adopts a qualitative and bibliographical approach, focusing on the short stories "Olhos d'água" and "Maria". The analysis demonstrates that the characters are constituted from experiences crossed by multiple oppressions that act simultaneously and interdependently, highlighting structural violence, social exclusion, and strategies of daily resistance. It is concluded that Evaristo's writing, through *escrevivência*, configures itself as a space for denunciation and identity affirmation, contributing to the visibility of black women's experiences in contemporary Brazilian literature and to the construction of a critical and anti-racist.

Keywords: intersectionality; black literature; Conceição Evaristo; gender; class.

## **LISTA DE SIGLAS**

IFAP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Gênero, raça e classe na sociedade brasileira: opressões entrelaçadas</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<i>Corpus</i> da pesquisa	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISES E DISCUSSÕES</b>	<b>22</b>
<b>4.1</b>	<b>Raça: corpo negro, memória e desumanização</b>	<b>22</b>
<b>4.2</b>	<b>Gênero: maternidade, cuidado e vulnerabilidade</b>	<b>25</b>
<b>4.3</b>	<b>Classe: pobreza, trabalho e precarização da vida</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura, enquanto manifestação artística e veículo de expressão cultural, desempenha papel fundamental na construção e problematização das realidades sociais. Por meio da linguagem literária, torna-se possível refletir criticamente sobre as experiências humanas, os conflitos sociais e as relações de poder que atravessam determinados grupos historicamente marginalizados. Nesse sentido, a literatura brasileira contemporânea tem se destacado por incorporar vozes que, durante muito tempo, foram silenciadas pelo cânone literário, entre elas, as vozes de mulheres negras.

Esse movimento de ampliação do campo literário não se limita a uma renovação estética, mas implica também uma reconfiguração política do espaço da escrita. Ao ocuparem lugares historicamente negados, autoras negras tensionam discursos hegemônicos e inscrevem, na literatura, experiências marcadas pelo racismo estrutural, pelo sexismo e pela desigualdade social. A escrita torna-se, assim, um instrumento de denúncia, memória e afirmação identitária.

É nesse contexto que se insere a obra de Conceição Evaristo, escritora brasileira cuja produção literária é marcada pela centralidade das experiências das mulheres negras. Sua escrita, frequentemente associada ao conceito de *escrevivência*, articula memória, ancestralidade e vivência cotidiana como formas de resistência frente às múltiplas opressões impostas pelo racismo, pelo patriarcado e pelas hierarquias de classe.

Em *Olhos d'água*, Evaristo constrói narrativas que evidenciam dores, afetos, lutas e estratégias de sobrevivência das personagens femininas negras. As histórias revelam como raça, gênero e classe se entrelaçam na constituição dessas subjetividades, apresentando mulheres atravessadas por desigualdades estruturais, mas também por formas de resistência que emergem da memória, da afetividade e da ancestralidade.

Para interpretar essas construções literárias, a interseccionalidade apresenta-se como ferramenta analítica essencial, por permitir compreender como diferentes sistemas de subordinação atuam de maneira simultânea e interdependente. Tal perspectiva rompe com leituras fragmentadas e possibilita apreender a complexidade das experiências das mulheres negras, tanto no plano social quanto no simbólico.

A partir desse horizonte teórico, esta pesquisa orientou-se pelo seguinte problema: de que modo a interseccionalidade entre raça, gênero e classe contribui para a construção das personagens femininas negras na obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo? Essa questão norteou todo o percurso investigativo e organizou o gesto analítico empreendido ao longo do trabalho.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar, à luz da interseccionalidade, de que modo os marcadores sociais de raça, gênero e classe operam na construção das personagens femininas negras na obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. Parte-se da compreensão de que tais marcadores não atuam de forma isolada, mas se articulam de maneira complexa, produzindo experiências específicas que atravessam as trajetórias dessas personagens no interior da narrativa.

Para alcançar esse propósito, propõe-se, inicialmente, aplicar a interseccionalidade como categoria analítica na leitura da literatura de autoria feminina negra, delimitando seus usos e possibilidades na análise das personagens construídas por Conceição Evaristo. Em seguida, busca-se identificar, nos contos selecionados de *Olhos d'água*, elementos narrativos e discursivos – como a caracterização das personagens, o enredo, o espaço, as relações sociais e a linguagem – que evidenciem os atravessamentos de raça, gênero e classe em sua constituição. Por fim, pretende-se analisar como a articulação entre esses marcadores sociais produz múltiplas formas de opressão, mas também engendra estratégias de resistência que se manifestam nas vivências e nas trajetórias das personagens femininas negras presentes na obra.

Com base nessa problemática, este estudo analisou, à luz da interseccionalidade, como os marcadores sociais de raça, gênero e classe operam na construção das personagens femininas negras em *Olhos d'água*. De modo mais específico, buscou-se aplicar a interseccionalidade como categoria analítica à leitura da literatura de autoria feminina negra; identificar, nos contos selecionados, elementos narrativos e discursivos que evidenciam os atravessamentos desses marcadores; e analisar como sua articulação produz múltiplas formas de opressão e estratégias de resistência nas trajetórias das personagens.

Para fins analíticos, o estudo concentrou-se nos contos “Olhos d'água” e “Maria”, nos quais as experiências das personagens femininas negras são apresentadas de maneira sensível e contundente. No primeiro, a narrativa enfatiza a memória, a dor e o silêncio como marcas da marginalização histórica; no segundo, evidencia-se a violência estrutural e as desigualdades sociais que atravessam a vida da mulher negra periférica. Ambos se configuram como exemplares para uma leitura orientada pela interseccionalidade.

A escolha desses contos justifica-se por sua potência simbólica e crítica, uma vez que neles se materializam, de forma intensa, as encruzilhadas sociais vividas pelas mulheres negras. As personagens criadas por Evaristo permitem compreender como as opressões não se apresentam de modo isolado, mas se sobrepõem, produzindo vulnerabilidades específicas e trajetórias marcadas pela exclusão, pelo silenciamento e, simultaneamente, pela resistência.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em estudos sobre interseccionalidade, literatura negra feminina e crítica literária contemporânea. O aporte teórico dialoga com autoras como Kimberlé Crenshaw (2002), Angela Davis (2016), Patricia Hill Collins (2020), bell hooks (2022), Carla Akotirene (2023) e Lélia Gonzalez (2020), cujas contribuições possibilitaram compreender a interseccionalidade como instrumento central para a análise das opressões que incidem sobre as mulheres negras. A leitura crítica dos contos articulou texto literário e referencial teórico, evidenciando como os marcadores sociais se entrelaçam na construção das personagens.

Assim, ao adotar a interseccionalidade como categoria analítica, este trabalho contribui para o fortalecimento de estudos literários comprometidos com uma leitura crítica e socialmente situada. Ao evidenciar o papel da literatura como espaço de resistência, memória e produção de conhecimento, a pesquisa reafirma a relevância da obra de Conceição Evaristo para a compreensão das experiências das mulheres negras na sociedade brasileira.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A interseccionalidade como categoria de análise social e crítica

Ao tratar de um estudo que parte da categoria “mulher”, torna-se imprescindível reconhecer que tal categoria não é homogênea. Não basta afirmar que se abordará a experiência feminina sem, antes, explicitar de quais mulheres se está falando, uma vez que os marcadores sociais – especialmente raça, gênero e classe – produzem vivências distintas e desiguais.

As experiências raciais, por exemplo, incidem de modo diverso sobre o gênero, de modo que a condição feminina não pode ser compreendida de forma universal. Nesse sentido, este trabalho mobiliza a interseccionalidade como ferramenta analítica, partindo do entendimento de que raça, gênero e classe não operam separadamente, mas se articulam na constituição das experiências sociais.

É nos estudos interseccionais que esse entendimento se consolida. Conforme Crenshaw (2002, p. 176), “para apreender a discriminação como um problema interseccional, as dimensões raciais ou de gênero, que são parte da estrutura, teriam de ser colocadas em primeiro plano, como fatores que contribuem para a produção da subordinação”. A autora evidencia que as opressões não se somam de maneira linear, mas se entrelaçam, produzindo formas específicas de vulnerabilidade.

Desse modo, torna-se fundamental investigar como esses fatores estruturais – especialmente raça e gênero – se coadunam e se entrelaçam na produção das formas pelas quais as mulheres experienciam a vida social, particularmente no caso das mulheres negras. Davis (2016) destaca que, durante o período da escravidão, as mulheres negras não ocuparam o mesmo lugar atribuído às mulheres brancas na divisão sexual do trabalho. Enquanto a ideologia patriarcal conferia às mulheres brancas os papéis da domesticidade, da fragilidade e da dependência masculina, as mulheres negras escravizadas eram vistas como corpos úteis ao trabalho forçado, submetidas às mesmas funções exaustivas que os homens negros.

No entanto, isso não significava que o gênero fosse apagado em suas experiências. Pelo contrário, ele era acionado de forma instrumental e violenta pelo sistema escravista. Quando conveniente, eram exploradas como força de trabalho indistinta, tratadas como "corpos sem gênero". Em outras situações, contudo, sua condição de mulheres era ressaltada para justificar formas específicas de exploração e violência, como a violência sexual, a exploração reprodutiva e a responsabilização pelo cuidado mesmo em condições extremas. A lógica racista negava às mulheres negras qualquer ideal de feminilidade branca, mas sua condição de trabalhadora era

marcada simultaneamente pelo gênero e pela raça, criando uma experiência singular de opressão.

Esse contexto histórico revela que a experiência da mulher negra não pode ser analisada apenas a partir do marcador “gênero”, pois ela sempre esteve atravessada por uma estrutura de opressão racial que moldou sua posição social, sua subjetividade e as formas de exploração a que é submetida.

A interseccionalidade, portanto, parte do entendimento de que ninguém vivencia apenas uma forma de opressão por vez. Crenshaw (2002, p. 177) define o conceito nos seguintes termos:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

Para Collins (2020, p. 18), essas relações de poder não se manifestam como entidades distintas, mas “se sobrepõem e funcionam de maneira unificada” e, embora frequentemente invisíveis, afetam todos os aspectos do convívio social. Trata-se, assim, de uma categoria analítica que permite compreender como o racismo, o patriarcado e a opressão de classe não apenas coexistem, mas interagem de forma ativa na produção das desigualdades.

No contexto desta pesquisa, a interseccionalidade é compreendida como “uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais” (AKOTIRENE, 2023, p. 63). No campo literário, essas estruturas de poder também se fazem presentes, tanto na forma como as personagens são construídas, quanto nos temas que emergem nas narrativas. A literatura, nesse sentido, não se distancia das relações sociais que a atravessam, mas as reinscreve simbolicamente.

A análise de *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo, evidencia como a ficção literária se torna um espaço potente de denúncia e visibilização dessas intersecções. As personagens femininas negras retratadas nos contos carregam em seus corpos e trajetórias os efeitos do racismo, do sexismo e da desigualdade de classe.

A interseccionalidade permite compreender tais experiências porque oferece um enquadramento capaz de apreender a simultaneidade dessas opressões e de evidenciar como

elas produzem vulnerabilidades específicas e, ao mesmo tempo, formas singulares de resistência.

Assim, essa abordagem possibilita interpretar como as personagens femininas negras nos contos “Olhos d’água” e “Maria” são construídas a partir de experiências marcadas por múltiplas opressões que operam simultaneamente, produzindo formas específicas de exclusão, silenciamento e precarização da vida, mas também estratégias de sobrevivência, memória e afirmação identitária.

## **2.1 Gênero, raça e classe na sociedade brasileira: opressões entrelaçadas**

Em um país que abriga a maior população negra das Américas, as mulheres negras, em comparação com as mulheres brancas, sempre estiveram mais inseridas no mercado de trabalho (Davis, 2016). Apesar dessa presença histórica, elas permanecem submetidas a múltiplas opressões articuladas entre raça, gênero e classe, o que produz formas específicas de exclusão e invisibilidade social.

Conforme aponta Carneiro (2011, p. 12), retomando criticamente Joaquim Nabuco, a escravidão marcaria profundamente a sociedade brasileira por não ter sido acompanhada de medidas que beneficiassem política, econômica e socialmente os recém-libertados.

É de Joaquim Nabuco a compreensão de que a escravidão marcaria por longo tempo a sociedade brasileira porque não seria seguida de medidas sociais que beneficiassem política, econômica e socialmente os recém-libertados (Carneiro, 2011, p. 12).

É também a partir desse legado histórico de abandono e marginalização pós-abolição que se consolidam estereótipos que desumanizam as mulheres negras. bell hooks (2022), ao analisar o contexto norte-americano, evidencia como tais estereótipos surgem no interior do regime escravista. Embora parta de uma realidade histórica distinta, suas reflexões dialogam com o cenário brasileiro, na medida em que ambos compartilham heranças coloniais e racistas que moldaram a representação social da mulher negra. No Brasil, como afirma Gonzalez (2020, p. 147), foi no interior da comunidade negra que se desenvolveram formas político-culturais.

Embora parta de uma realidade histórica distinta, suas reflexões dialogam com o cenário brasileiro, na medida em que ambos compartilham heranças coloniais e racistas que moldaram a representação social da mulher negra. No Brasil, como afirma Gonzalez (2020, p. 147), foi no interior da comunidade negra que se desenvolveram formas político-culturais de resistência capazes de sustentar uma luta histórica contra a opressão.

A experiência histórica negra, por exemplo, foi terrível e sofridamente vivida por homens e mulheres, sejam crianças, adultos ou idosos. E foi dentro da comunidade escrava que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular pela libertação (Gonzalez, 2020, p. 147).

A mulher negra não pode ser pensada fora desse legado, pois, ao longo da história, estereótipos a colocaram em posições subalternas e desumanizadas. Gonzalez (2020, p. 159) observa que "as mulheres negras são colocadas em ocupações manuais rurais [...] e nos serviços", frequentemente em condições precárias, diferentemente da mulher branca, tradicionalmente associada ao espaço doméstico. Nascimento (2021, p. 52) complementa ao afirmar que, "contrariamente à mulher branca, a mulher negra pode ser considerada essencialmente produtora, com papel semelhante ao do homem negro".

Davis (2016, p. 19) sintetiza essa lógica ao afirmar que a postura dos senhores em relação às mulheres negras escravizadas era regida pela conveniência: quando lucrativo, eram exploradas como se fossem homens; quando necessário, eram reduzidas exclusivamente à condição de fêmeas, sujeitas a punições específicas. Essa oscilação revela como raça e gênero se articulam de forma instrumental na produção da exploração.

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (Davis, 2016, p. 19).

A condição da mulher negra no Brasil também é forjada por um entrelaçamento estrutural entre raça, gênero e classe. Esses marcadores não atuam de modo isolado ou hierárquico, mas combinam-se na produção de desigualdades, moldando a forma como essas mulheres são percebidas, tratadas e inseridas socialmente. Ser mulher negra significa ocupar um lugar específico em uma lógica de opressão que exclui pela cor, subordina pelo gênero e explora pela posição econômica.

É nessa perspectiva que a interseccionalidade se afirma como categoria essencial para compreender não apenas as estruturas de opressão, mas também as formas de existência e agência construídas a partir delas. Nos contos "Olhos d'água" e "Maria", de Conceição Evaristo, essa intersecção manifesta-se de modo contundente: as personagens femininas são marcadas pela pobreza, pela violência de gênero e pelo racismo cotidiano que as invisibiliza, mas também revelam estratégias de resistência forjadas a partir dessa mesma condição interseccional.

Assim, ao analisar essas narrativas à luz da interseccionalidade, evidencia-se que as trajetórias das personagens não constituem casos isolados, mas refletem processos históricos que

continuam a organizar a sociedade brasileira. Reconhecer essa tessitura de opressões é fundamental para compreender a profundidade das desigualdades vividas pelas mulheres negras e, ao mesmo tempo, valorizar suas vozes e experiências como centrais na luta por justiça social e na construção de novas formas de representação literária.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, uma vez que se fundamenta na análise de produções teóricas e literárias já publicadas, com o objetivo de interpretar, à luz da interseccionalidade, a construção das personagens femininas negras na obra *Olhos d'água* (2016).

A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se por permitir a compreensão aprofundada dos sentidos, das representações simbólicas e das relações sociais inscritas nas narrativas literárias, considerando que, nesse tipo de investigação, “nada é trivial, tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais elucidativa do objeto de estudo” (Bogdan; Biklen, 1999, p. 49).

A pesquisa bibliográfica possibilitou o contato sistemático com estudos sobre interseccionalidade, literatura negra feminina e crítica literária contemporânea. Conforme Lakatos (1992, p. 44), esse tipo de pesquisa tem como finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”, permitindo a construção de um referencial teórico consistente.

Nesse sentido, foram mobilizadas tanto obras de caráter teórico-metodológico, quanto textos críticos diretamente relacionados ao tema da investigação. Destacam-se, entre os principais referenciais, os estudos de Crenshaw (2002), Davis (2016), Collins (2020), Akotirene (2023), Gonzalez (2020) e Carneiro (2011), que fundamentaram a compreensão da interseccionalidade como categoria analítica e orientaram a leitura das narrativas literárias.

O *corpus* da pesquisa foi constituído pelos contos “Olhos d'água” e “Maria”, ambos integrantes da obra *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo. A escolha desses textos decorre do fato de apresentarem protagonistas femininas negras cujas trajetórias evidenciam, de forma clara, a articulação entre raça, gênero e classe. Esses contos revelam experiências marcadas pela pobreza, pela violência estrutural, pelo silenciamento e, simultaneamente, por estratégias de resistência, memória e afetividade, configurando-se como exemplares para uma análise orientada pela interseccionalidade.

O procedimento metodológico adotado consistiu, inicialmente, na leitura integral e reiterada dos contos selecionados, seguida do fichamento teórico e literário. O fichamento foi empregado como instrumento de organização das informações, permitindo registrar trechos relevantes das narrativas, categorias analíticas recorrentes e articulações possíveis entre texto literário e referencial teórico. Esse processo possibilitou a identificação sistemática de cenas,

falas e situações em que os marcadores de raça, gênero e classe se manifestam de forma articulada na construção das personagens.

A análise dos dados ocorreu por meio de uma leitura crítica orientada por categorias analíticas derivadas da interseccionalidade, especialmente raça, gênero e classe. A chamada “separação das ideias” consistiu, neste trabalho, na organização interpretativa dos elementos narrativos em eixos temáticos, tais como: pobreza e precarização da vida; silenciamento e invisibilidade social; violência estrutural; maternidade e cuidado; memória e resistência. Esses eixos permitiram agrupar e interpretar os fragmentos literários de modo sistemático, relacionando-os às contribuições teóricas mobilizadas.

Dessa forma, cada conto foi analisado a partir de trechos específicos que evidenciam a sobreposição dos marcadores sociais, demonstrando como as personagens femininas negras são constituídas em contextos de múltiplas opressões. A interpretação dos dados literários articulou elementos do texto (enredo, caracterização das personagens, espaço narrativo e linguagem) com os aportes teóricos da interseccionalidade, possibilitando uma leitura que integra literatura e realidade social.

Esse percurso metodológico permitiu evidenciar a potência da interseccionalidade como ferramenta de análise literária e reafirmar o valor da obra de Conceição Evaristo como espaço de denúncia das desigualdades sociais e de afirmação das experiências das mulheres negras na literatura brasileira contemporânea.

### **3.1 *Corpus da pesquisa***

Conceição Evaristo é escritora, poeta e pesquisadora brasileira, amplamente reconhecida por seu papel essencial no fortalecimento da literatura negra contemporânea. Nascida em Belo Horizonte, sua produção literária destaca-se por evidenciar as vivências, memórias e narrativas de mulheres negras, colocando-as no centro da experiência estética e política. A obra *Olhos d'água*, publicada em 2014, reúne quinze contos centrados em personagens negras, cujas trajetórias revelam como as mulheres negras experienciam de modo singular os marcadores sociais de raça, gênero e classe.

Entre esses contos, neste trabalho, foram selecionados para análise “Olhos d'água” e “Maria”. No primeiro, a narrativa é conduzida pelo questionamento acerca da cor dos olhos da mãe da protagonista, que é também a narradora da trama e a primeira de sete filhas. A dúvida inicial desencadeia uma série de memórias que conduzem o leitor à infância da personagem, marcada por uma vida de pobreza material e por intensas dificuldades cotidianas.

Trata-se de um convite para acompanhar uma existência atravessada pela escassez, mas também pelo afeto. Mesmo diante da carência, a mãe nunca permitiu que faltassem amor e cuidado às filhas. O conto se encerra com a narradora empenhando-se em não perder a cor dos olhos de sua própria filha, ao mesmo tempo em que a criança lhe dirige a pergunta: “Mãe, qual a cor tão úmida dos seus olhos?”, gesto que simboliza a transmissão de memória e afeto entre gerações.

No segundo conto, o narrador apresenta o cotidiano de Maria, uma mulher negra e empregada doméstica. Ao retornar do trabalho, Maria entra em um ônibus com o desejo de chegar em casa e reencontrar os filhos. Nesse trajeto, encontra seu ex-companheiro, que, além de lhe confiar um recado para o filho que tiveram juntos, anuncia, com um comparsa, o assalto ao coletivo, presenciado por todos os passageiros. Embora não participe do crime, Maria passa a ser acusada por um dos presentes de envolvimento na ação.

A suspeita, infundada, provoca indignação em alguns passageiros, mas desencadeia a violência em outros. Tomada como cúmplice, Maria é brutalmente espancada por pessoas que, sem conhecê-la, despejam sobre ela ódio e agressividade, deixando-a caída no chão do ônibus, pisoteada e silenciada.

Ambos os contos foram escolhidos por evidenciarem, de forma contundente, como os marcadores sociais de raça, gênero e classe se entrelaçam na constituição das personagens femininas negras. As trajetórias da mãe, em “Olhos d’água”, e de Maria revelam experiências atravessadas pela pobreza, pelo racismo cotidiano e pela vulnerabilidade social, tornando essas narrativas exemplares para uma análise fundamentada na categoria da interseccionalidade.

## 4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

### 4.1 Raça: corpo negro, memória e desumanização

A raça, compreendida como construção social historicamente marcada pela hierarquização dos corpos, constitui um eixo estruturante das experiências das personagens femininas negras em *Olhos d'água*. Conforme apontam Crenshaw (2002) e Collins (2020), o racismo não atua apenas como preconceito individual, mas como sistema que organiza relações sociais, produzindo desigualdades materiais e simbólicas.

Na literatura de Conceição Evaristo, esse sistema se manifesta por meio de corpos racializados, situados em contextos de precariedade, apagamento e violência, mas também atravessados por memória, afeto e resistência. No conto “Olhos d'água”, a raça não aparece como nomeação direta, mas como marca silenciosa que atravessa toda a narrativa.

A protagonista, ao tentar recordar a cor dos olhos de sua mãe mergulha em memórias de uma infância marcada pela escassez, pela fome e pela precariedade. A mãe surge como figura central, uma mulher negra que sustenta as filhas em meio à pobreza, transformando o pouco que possui em cuidado. A narrativa revela que, mesmo na carência extrema, nunca faltou o amor (Evaristo, 2016) mas esse amor se constrói sobre um chão de privação historicamente imposto.

A condição racial da mãe não é explicitada de forma direta, mas se inscreve nos detalhes: o barraco, a ausência de comida, o esforço cotidiano para manter as filhas vivas. A fome que atravessa a infância da narradora não é casual; ela remete a uma herança social que atinge de modo particular corpos negros.

Num dos polos dessa hierarquia social encontramos o senhor de terras, que concentra em suas mãos o poder econômico e político; no outro polo, os escravos, a força de trabalho efetiva dessa sociedade. Entre os dois polos encontramos uma camada de homens e mulheres livres, vivendo em condições precárias, sem meios de vida. Por estar assim definida, a sociedade colonial se reveste de um caráter patriarcal que permeia toda a sua estrutura, refletindo-se de maneira extrema sobre a mulher (Nascimento, 2021, p. 55).

A mãe, ao inventar brincadeiras com o pouco que havia encarna uma forma de resistência cotidiana que nasce justamente da exclusão. Nesse sentido, a raça estrutura o lugar social da personagem, ainda que a narrativa não a nomeie abertamente. Essa escolha estética dialoga com o que Gonzalez (2020) denomina de racismo por denegação: um sistema que naturaliza a pobreza negra, tornando-a invisível enquanto produto de desigualdades raciais.

Em “Olhos d’água”, a invisibilidade se expressa na ausência de reconhecimento social daquela mãe, cuja existência se limita ao espaço doméstico precário. No conto, essa reflexão extrema se materializa na figura da mãe, cuja existência é confinada a um barraco, à luta diária contra a fome e à invisibilidade social. O apagamento de sua subjetividade é tão profundo que a narradora sequer consegue recordar a cor de seus olhos – detalhe que simboliza a própria negação de sua humanidade singular. Os “olhos d’água” da mãe, no entanto, também carregam essa dupla dimensão: são olhos que a narradora imagina “tão úmidos” não apenas pela possível cor clara, mas pela insistência das lágrimas contidas, pelo sofrimento silencioso e pela dor que atravessa gerações, sem nunca secar completamente. A umidade, assim, torna-se metáfora do pranto que não encontra espaço para ser derramado abertamente, mas que permanece como marca visceral da opressão histórica.

Em “Maria”, a raça emerge de forma mais explícita, por meio da suspeição automática que recai sobre a personagem. Maria é uma mulher negra, trabalhadora doméstica, que retorna para casa em um ônibus. Ao reconhecer no assaltante um antigo companheiro, torna-se, aos olhos dos passageiros, cúmplice do crime. Mesmo sem qualquer prova, passa a ser vista como ameaça. A violência que se segue – os gritos, as acusações, o espancamento – revela como o corpo negro feminino é facilmente convertido em alvo.

A narrativa evidencia que Maria não é punida por um ato, mas por aquilo que representa socialmente. Seu corpo negro, em espaço público, torna-se sinônimo de perigo. A acusação surge de forma abrupta, e a multidão passa a agir como se ela fosse culpada. O linchamento não decorre de evidências, mas de uma lógica racial que associa a negritude à criminalidade. Nesse ponto, a literatura de Evaristo expõe o funcionamento cotidiano do racismo estrutural:

Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembavam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: — Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? (Evaristo, 2016, p. 24-25).

O trecho evidencia que a violência sofrida por Maria não decorre da comprovação de um crime, mas da associação imediata entre seu corpo negro e a criminalidade. O linchamento

ocorre como prática coletiva legitimada pelo medo racializado, no qual a multidão se sente autorizada a agir sem necessidade de provas. A interrupção do ônibus e a adesão progressiva dos passageiros à agressão revelam que a violência não é individual, mas resultado de uma lógica social que naturaliza o ataque ao corpo negro feminino em espaços públicos

Crenshaw (2002) observa que o racismo produz vulnerabilidades específicas, sobretudo quando combinado a outros marcadores. Em “Maria”, a personagem não dispõe de nenhum recurso simbólico ou material que a proteja. Sua palavra não tem valor, sua explicação não é ouvida. O silêncio que se impõe não é escolha, mas consequência de uma estrutura que nega humanidade plena aos corpos negros. Maria é reduzida a objeto de ódio coletivo.

A violência sofrida por Maria ultrapassa o plano individual e revela uma lógica social mais ampla: a de que determinadas vidas são menos dignas de proteção. Collins (2020) denomina esse processo como desumanização sistemática, em que sujeitos racializados são posicionados fora do campo da empatia. O corpo negro feminino, nesse contexto, torna-se descartável. A narrativa não oferece redenção nem justiça; ao contrário, encerra-se com a imagem de Maria caída, esmagada, silenciada.

Ao colocar lado a lado “Olhos d’água” e “Maria”, Evaristo constrói um arco que vai do apagamento silencioso à violência explícita. Em ambos os casos, a raça estrutura a existência das personagens, e a pobreza. A mãe do primeiro conto vive na margem, invisível ao olhar social; Maria, no segundo, é brutalmente exposta como corpo suspeito. As duas experiências revelam que o racismo não se limita a insultos ou discriminações pontuais, mas organiza materialmente as condições sociais de vida e de morte.

A interseccionalidade permite compreender essas experiências não como episódios isolados, mas como manifestações de um sistema que atravessa os corpos femininos negros. A raça, nesses contos, não é apenas um traço identitário; ela define possibilidades, limita horizontes e produz vulnerabilidades específicas. Contudo, Evaristo também inscreve, nessas personagens, formas de resistência: na mãe que transforma fome em cuidado, na memória que se recusa a esquecer, na própria escrita que devolve humanidade a quem foi historicamente silenciado.

Dessa forma, a literatura torna-se espaço de reumanização. Ao narrar essas trajetórias, Evaristo rompe com o apagamento imposto pelo racismo e reinscreve as mulheres negras como sujeitos de história. A análise desses contos evidencia que a raça, enquanto marcador estrutural, atua de maneira decisiva na construção das personagens, produzindo tanto experiências de desumanização, quanto gestos cotidianos de resistência que desafiam a lógica da exclusão.

## 4.2 Gênero: maternidade, cuidado e vulnerabilidade

O gênero constitui outro eixo fundamental na construção das personagens femininas negras em *Olhos d'água*. Se a raça define o lugar social desses corpos em uma ordem marcada pela hierarquização racial, o gênero aprofunda as formas de subordinação, atribuindo às mulheres papéis específicos ligados ao cuidado, à renúncia e à exposição à violência. Conforme destacam Davis (2016) e Collins (2020), a experiência das mulheres negras não pode ser compreendida apenas a partir de um modelo universal de feminilidade, pois ela se constrói em condições históricas distintas daquelas vividas pelas mulheres brancas.

Na literatura de Conceição Evaristo, essa diferença aparece de modo contundente, sobretudo por meio da maternidade e da vulnerabilidade que atravessam as trajetórias das personagens. Em “Olhos d'água”, a figura materna ocupa o centro da narrativa. A mãe é apresentada como mulher que sustenta sozinha as filhas em meio à pobreza, transformando escassez em cuidado.

A narradora recorda que, mesmo quando não havia quase nada para comer, a mãe inventava brincadeiras, criava gestos de afeto, preservava a dignidade das filhas. A maternidade, nesse contexto, não se associa à idealização romântica, mas à sobrevivência. Ser mãe, para essa mulher negra, significa enfrentar a fome, o cansaço e a invisibilidade social.

O cuidado materno não se expressa em abundância material, mas em presença afetiva. A mãe constrói proteção simbólica em um mundo hostil, oferecendo às filhas aquilo que o Estado e a sociedade lhes negam. Esse gesto cotidiano revela o que Collins (2020) denomina de maternidade política: uma forma de resistência que emerge das margens, em que cuidar é, ao mesmo tempo, garantir a continuidade da vida e afirmar humanidade em contextos que a negam. O corpo feminino negro torna-se, assim, lugar de abrigo, mesmo quando ele próprio é alvo de precarização.

Entretanto, essa centralidade do cuidado expõe uma sobrecarga histórica imposta às mulheres negras. A mãe, em “Olhos d'água”, que muitas vezes carrega sozinha o peso da sobrevivência familiar. Sua existência se no espaço doméstico precário, e sua individualidade dissolve-se na função materna, simbolizado pela dificuldade da narradora em lembrar a cor de seus olhos – reflete como a sociedade apaga essas mulheres, embora lembrado pela filha com afeto.

Em “Maria”, a maternidade reaparece sob outra face: a da mulher trabalhadora que retorna para casa desejando reencontrar os filhos. Maria carrega consigo lembranças, pequenas expectativas, gestos de cuidado interrompidos pela violência. Seu trajeto no ônibus não é apenas

deslocamento físico, mas movimento entre o espaço do trabalho doméstico e o espaço da família. A narrativa sugere que sua existência se organiza em torno desse vai-e-vem silencioso, típico de tantas mulheres negras que sustentam lares.

A vulnerabilidade de Maria se intensifica precisamente porque ela é mulher. O corpo feminino negro, em espaço público, é percebido como frágil e, ao mesmo tempo, disponível à violência. Quando Maria é acusada, sua palavra não é considerada e seus gestos de defesa são inúteis.

Essa violência se explicita no momento em que a agressão assume um caráter público e coletivo, legitimada por insultos que articulam raça e gênero, como no trecho em que um dos passageiros afirma: “Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!” (Evaristo, 2016, p. 24). A escolha do insulto evidencia que Maria não é atacada apenas como suspeita, mas como mulher, cujo corpo é moralmente desqualificado e exposto à punição.

Mesmo quando uma figura masculina tenta intervir, como o motorista do ônibus, sua ação mostra-se insuficiente para conter a violência. Ao afirmar que conhece Maria “de vista” e que ela está “vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos” (Evaristo, 2016, p. 25), o motorista retira momentaneamente dela o ônus da culpa, mas não interrompe a agressão. Essa cena evidencia que, embora a mediação masculina tente restaurar a ordem, o corpo feminino negro permanece desprotegido, sendo submetido à violência mesmo diante de uma tentativa de legitimação masculina. A palavra do homem, nesse contexto, não é suficiente para salvar Maria, revelando o quanto a violência de gênero se impõe de forma brutal e coletiva.

Ao colocar em diálogo as duas narrativas, percebe-se que o gênero estrutura experiências distintas, mas complementares. A mãe em “Olhos d’água” vive o apagamento silencioso, consumida pelo cuidado; Maria enfrenta a exposição violenta, tornada alvo público. Ambas, porém, compartilham a condição de mulheres cuja existência é atravessada por uma vulnerabilidade estrutural. Ser mulher, nesses contos, significa viver sob constante ameaça: de escassez, de invisibilidade, de violência.

A interseccionalidade permite compreender que essa vulnerabilidade não deriva apenas do gênero isoladamente, mas de sua articulação com raça e classe. Em contraste, a maternidade branca é historicamente construída como ideal normativo de cuidado e pureza, sendo socialmente legitimada e protegida. Conforme aponta Badinter (1985), o amor materno foi naturalizado a partir de um modelo burguês e branco de maternidade, transformando-se em expectativa moral e socialmente valorizada. Essa idealização não se estende às mulheres negras, cuja maternidade é frequentemente marcada pela precariedade, pela ausência de proteção

institucional e pela desumanização, o que evidencia a dimensão racial que atravessa as experiências maternas.

A interseccionalidade permite compreender que essa vulnerabilidade não deriva apenas do gênero isoladamente, mas de sua articulação com raça e classe. Em contraste, a maternidade branca é construída como ideal normativo de cuidado e pureza, associada à proteção. Conforme aponta Badinter (1985), o amor materno foi forjado a partir de um modelo burguês e branco de maternidade, transformando-se em expectativa moral e socialmente valorizada. Essa idealização não se estende às mulheres negras, cuja maternidade é frequentemente marcada pela precariedade, pela ausência de proteção institucional e pela desumanização, o que evidencia a dimensão racial que atravessa as experiências maternas.

Entretanto, Evaristo não constrói essas personagens apenas como vítimas. A mãe transforma carência em cuidado, como quando inventa brincadeiras com as filhas em meio à fome ("Olhos d'água"); Maria carrega consigo afetos, desejos, memórias, como o simples ato de levar frutas para os filhos que aguardam em casa ("Maria"). Mesmo silenciadas, essas mulheres existem para além da opressão. A literatura restitui-lhes complexidade, revelando que, sob a condição de vulnerabilidade, há também gestos de resistência. A maternidade, nesse sentido, aparece não apenas como fardo, mas como espaço de afirmação da vida.

### **4.3 Classe: pobreza, trabalho e precarização da vida**

A classe social constitui o terceiro eixo fundamental da interseccionalidade mobilizada nesta análise. Em *Olhos d'água*, a pobreza não é apenas cenário, mas força estruturante da experiência das personagens. A condição de classe atravessa seus corpos, seus afetos e suas possibilidades de existência, articulando-se de maneira indissociável à raça e ao gênero. Conforme apontam Davis (2016) e Gonzalez (2020), a desigualdade econômica no Brasil possui cor e gênero: ela atinge de modo particular as mulheres negras, historicamente inseridas em posições de subalternidade no mundo do trabalho.

Em "Olhos d'água", a infância da narradora é marcada pela escassez. A casa precária, a ausência de alimentos, os improvisos maternos compõem um quadro em que a pobreza se inscreve como experiência cotidiana. A mãe transforma restos em refeição, silêncio em proteção, ausência em gesto de cuidado. Quando a narradora recorda que, muitas vezes, "a comida era pouca" (Evaristo, 2016, p. 11), não se trata apenas de memória individual, mas de uma condição social compartilhada por milhares de famílias negras.

A pobreza, nesse conto, não é apresentada como falha moral ou destino natural, mas como herança histórica. Ela se manifesta de forma silenciosa, incorporada à rotina, normalizada pela falta de alternativas. A mãe não questiona o mundo que lhe nega recursos; ela cria estratégias de sobrevivência dentro dele. Esse silêncio evidencia o que Akotirene (2023) aponta como efeito estrutural da opressão: a naturalização da precariedade como parte da vida de determinados grupos.

Em “Maria”, a classe aparece de modo ainda mais explícito, associada ao trabalho doméstico e ao deslocamento urbano. Maria é empregada doméstica, retorna do trabalho em transporte coletivo, carrega consigo o cansaço e a expectativa de reencontrar os filhos. Seu corpo em trânsito revela uma existência moldada pelo labor contínuo e mal remunerado. Ela ocupa o lugar social historicamente destinado às mulheres negras: o de servir.

A posição de classe de Maria a expõe não apenas à exploração econômica, mas também à violência simbólica. No ônibus, ela não possui capital social, cultural ou econômico que lhe permita defesa. Sua palavra não tem valor, sua versão não é considerada. A acusação que recai sobre ela encontra terreno fértil em sua condição social. A pobreza, ali, não é neutra; ela legitima a suspeita.

Crenshaw (2002) observa que a vulnerabilidade se intensifica quando diferentes marcadores se sobrepõem. Em “Maria”, raça, gênero e classe produzem uma figura socialmente descartável. A mulher negra pobre não é vista como cidadã, mas como potencial ameaça. O linchamento coletivo que sofre não decorre apenas do racismo, mas da associação entre negritude, pobreza e criminalidade. Seu corpo torna-se, assim, lugar de punição.

Enquanto em “Olhos d’água” a pobreza se expressa pela carência silenciosa, em “Maria” ela se manifesta pela exposição pública. Em ambos os casos, a classe estrutura as condições de vida e define o horizonte de possibilidades. A mãe do primeiro conto luta para manter as filhas vivas; Maria luta para voltar para casa. Ambas se movem em um mundo que lhes oferece apenas o mínimo – e, por vezes, nem isso.

Collins (2020) destaca que as opressões econômicas não podem ser analisadas separadamente das demais, pois operam em conjunto na produção da marginalização. As personagens de Evaristo não são pobres “apesar” de serem mulheres negras; elas o são porque pertencem a um grupo historicamente relegado às margens do desenvolvimento social. A classe, nesse sentido, não é apenas condição material, mas posição estrutural em um sistema que distribui desigualdades.

Ainda assim, a narrativa de Evaristo não reduz essas mulheres à miséria. A mãe de “Olhos d’água” constrói dignidade no interior da escassez. A precariedade não apaga sua

humanidade. Ao contrário, a escrita literária a evidencia, rompendo com discursos que associam pobreza à desumanização.

Ao articular classe, raça e gênero, a interseccionalidade permite compreender que a pobreza vivida por essas personagens não é contingente, mas estrutural. Ela organiza suas rotinas, limita seus horizontes e as expõe a formas específicas de violência. Entretanto, é também nesse espaço de privação que emergem gestos de resistência: o cuidado materno, a memória, o desejo de retorno ao lar, a própria existência narrada.

Dessa forma, *Olhos d'água* revela que a precarização da vida das mulheres negras não se restringe à ausência de recursos, mas envolve um conjunto de negações simbólicas e materiais. A literatura de Conceição Evaristo, ao inscrever essas trajetórias no campo estético, rompe com o apagamento histórico e transforma a experiência da pobreza em matéria de reflexão crítica. A classe, enquanto eixo da interseccionalidade, mostra-se decisiva na construção das personagens, evidenciando como a desigualdade econômica se articula ao racismo e ao patriarcado na produção de vidas vulneráveis, mas também profundamente humanas.

Ainda assim, a narrativa de Evaristo não reduz essas mulheres à miséria. A mãe de “Olhos d'água” constrói dignidade no interior da escassez. A precariedade não apaga sua humanidade. Ao contrário, a escrita literária a evidencia, rompendo com discursos que associam pobreza à desumanização.

Ao articular classe, raça e gênero, a interseccionalidade permite compreender que a pobreza vivida por essas personagens não é contingente, mas estrutural. Ela organiza suas rotinas, limita seus horizontes e as expõe a formas específicas de violência. Entretanto, é também nesse espaço de privação que emergem gestos de resistência: o cuidado materno, a memória, o desejo de retorno ao lar, a própria existência narrada.

Dessa forma, *Olhos d'água* revela que a precarização da vida das mulheres negras não se restringe à ausência de recursos, mas envolve um conjunto de negações simbólicas e materiais. A literatura de Conceição Evaristo, ao inscrever essas trajetórias no campo estético, rompe com o apagamento histórico e transforma a experiência da pobreza em matéria de reflexão crítica. A classe, enquanto eixo da interseccionalidade, mostra-se decisiva na construção das personagens, evidenciando como a desigualdade econômica se articula ao racismo e ao patriarcado na produção de vidas vulneráveis, mas também profundamente humanas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do seguinte problema: de que modo a interseccionalidade entre raça, gênero e classe contribui para a construção das personagens femininas negras na obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo? Ao longo do trabalho, buscou-se demonstrar que essas categorias não atuam de forma isolada, mas se entrelaçam estruturalmente, produzindo experiências específicas de vulnerabilidade, silenciamento e exclusão, ao mesmo tempo em que engendram formas singulares de resistência.

A análise dos contos “Olhos d'água” e “Maria” permitiu evidenciar como a literatura de Evaristo inscreve, no campo estético, as marcas dessas intersecções, transformando-as em matéria narrativa e em gesto político. O percurso analítico mostrou que a raça se articula com o gênero e classe para estruturar o modo como as personagens femininas negras existem no mundo.

Em “Olhos d'água”, o apagamento social da mãe manifesta-se no silêncio, na precariedade e na invisibilidade que atravessam sua trajetória. Em “Maria”, o corpo negro feminino torna-se alvo imediato de suspeição e violência, revelando como o racismo opera de forma cotidiana, naturalizando a desumanização. Em ambos os casos, a literatura evidencia que a raça define possibilidades, limites e formas de reconhecimento social.

O eixo do gênero revelou que ser mulher intensifica os efeitos do racismo e da pobreza. A maternidade, central em ambos os contos, não aparece como ideal romântico, mas como experiência atravessada pela escassez, pela sobrecarga e pela vulnerabilidade. A mãe, em “Olhos d'água”, transforma carência em cuidado; Maria carrega consigo o desejo de retornar aos filhos, interrompido brutalmente pela violência. As narrativas demonstram que o corpo feminino negro é simultaneamente responsabilizado pelo cuidado e exposto à agressão, configurando uma condição marcada pela renúncia e pelo risco permanente.

A classe, por sua vez, mostrou-se elemento estruturante das trajetórias das personagens. A pobreza não aparece como pano de fundo neutro, mas como força que organiza a experiência cotidiana, limita horizontes e legitima formas de exclusão. Em “Olhos d'água”, a escassez se expressa no silêncio e na naturalização da falta; em “Maria”, ela se traduz na exposição pública, na associação entre pobreza e criminalização.

A análise evidenciou que a precarização da vida das mulheres negras é resultado de processos históricos que articulam desigualdade econômica, racismo e patriarcado. Ao aplicar a interseccionalidade como categoria analítica, este trabalho demonstrou que as personagens de

Conceição Evaristo não podem ser compreendidas a partir de leituras fragmentadas. Raça, gênero e classe se cruzam na constituição dessas mulheres, produzindo formas específicas de opressão e demandando gestos cotidianos de resistência.

A mãe que inventa brincadeiras para enfrentar a fome, a memória que se recusa a esquecer, o desejo de retorno ao lar, a própria existência narrada. Como quando, no conto 'Olhos d'água', a narradora recorda que a mãe 'fazia de um sabugo de milho uma boneca' para distraí-las da fome (Evaristo, 2016, p. 15) são expressões de humanidade que desafiam a lógica da exclusão. Nesse sentido, a literatura de Evaristo ultrapassa o registro estético, afirmando-se como espaço de denúncia, memória e remodelação simbólica.

Ao narrar vidas historicamente silenciadas, a autora combate o apagamento imposto pelo racismo estrutural e restitui complexidade às experiências das mulheres negras. A escrevivência transforma a dor em linguagem e faz da escrita um gesto político, capaz de tensionar discursos hegemônicos e ampliar os horizontes dos estudos literários.

A interseccionalidade foi aplicada como instrumento de leitura da literatura de autoria feminina negra; os elementos narrativos que evidenciam os atravessamentos de raça, gênero e classe foram identificados nos contos analisados; e demonstrou-se como a articulação desses marcadores produz múltiplas formas de opressão e resistência nas trajetórias das personagens.

O trabalho, assim, contribui para o fortalecimento de abordagens críticas que compreendem a literatura como prática social situada, atravessada por relações de poder. Como contribuição, esta pesquisa reafirma a relevância da obra de Conceição Evaristo para os estudos literários contemporâneos e para a reflexão sobre as desigualdades sociais no Brasil.

Ao evidenciar a centralidade das experiências das mulheres negras, o trabalho amplia as possibilidades de leitura da literatura brasileira, promovendo perspectivas mais plurais e antirracistas em contexto acadêmico.

Por fim, compreender as personagens femininas negras de *Olhos d'água* à luz da interseccionalidade é reconhecer que suas trajetórias não são exceções, mas expressões de processos históricos que continuam a organizar a sociedade brasileira. A literatura, ao tornar visíveis essas experiências, não apenas denuncia a violência estrutural, mas também afirma a potência de vidas que resistem. Nesse movimento, a escrita de Conceição Evaristo reafirma que narrar mulheres negras é, ao mesmo tempo, um ato estético e político, capaz de produzir alguma transformação social.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2023.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COLLINS, P. H. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2025.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo**. Tradução: Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. Disponível em: [nc3a3o-sou-eu-uma-mulher\\_traduzido.pdf](nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf). Acesso em: 15 abr. 2025.
- LAKATOS, E. V. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatórios, publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- NASCIMENTO, B.; RATTIS, A. (Org.). **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.
- SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 1, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 10 maio 2025.